

FRANZ CARLS: MEMÓRIAS LITOGRAFICAS DO RECIFE OITOCENTISTA

Frederico Fernando Souza Silva - USP

RESUMO

O estudo apresenta algumas considerações sobre a produção litográfica de Franz Heinrich Carls, desenhista, fotógrafo e artista gráfico alemão que chegou ao Brasil em 1859, mais precisamente na cidade do Recife, onde fundou uma das primeiras casas de litografia de Pernambuco, a *Casa Litographica*. A fim de aplicar a técnica de gravura em pedra calcária, ele produziu um número expressivo de imagens que retratam as paisagens pernambucanas no século XIX.

Palavras-chave: Franz Carls; Litografia; Recife; Paisagens.

RESUMEN

L'étude présente quelques considérations sur la production de procédés de lithographie Franz Heinrich Carls, designer, photographe et graphiste allemand qui est arrivé au Brésil en 1859, plus précisément la ville de Recife, où il a fondé une lithographie des premières maisons de Pernambuco, la Maison Litographica. Afin d'appliquer la technique de gravure sur pierre calcaire, elle a produit un nombre important d'images qui dépeignent les paysages de Pernambuco au cours du siècle XIX.

Mots-clé: Franz Carls; Lithographie; Recife; Paysages.

Introdução

Franz Carls chegou ao Brasil em 1859, onde se encantou pelas paisagens pernambucanas, sobretudo, pela cidade do Recife. Dois anos depois de sua chegada fundou o que viria a ser a quarta casa de litografia de Pernambuco, a *Casa Litographica*, implantando a técnica de reprodução de imagens ainda desconhecida pela população daquela província.

Além de suas próprias obras, publicou trabalhos de outros gravadores, como F. Kauss e Luis Adam Cornell Krauss. Deu, ainda, nova feição gráfica ao jornal *Correio do Recife* ao utilizar pioneiramente litografias na imprensa. Carls trabalhou na impressão de diplomas, letras de câmbio, mapas e foi responsável pela publicação da planta da *Cidade do Recife e seus Arrabaldes*, do engenheiro José Tibúrcio Pereira Magalhães, em 1870. No entanto, a obra que marcou sua presença em

Pernambuco foi o *Álbum de Pernambuco e seus Arrabaldes* em 1878, um projeto de vários anos, que chegou a reunir mais de cinquenta litografias com a colaboração do já citado Luis Krauss.

O deslumbramento de Carls com a então desconhecida província pernambucana foi tamanho que em pouco tempo passou a assinar como Francisco Henrique Carls. Nesse sentido, Vasquez (2000) relata que no século XIX existia uma tendência dominante para o abasileiramento dos nomes próprios, incorporadas pelos fotógrafos. Porém, não havia um consenso sobre as grafias dos nomes dos fotógrafos estrangeiros, que ora aparecem num livro com a versão europeia ou norte-americana de seus primeiros nomes, ora com a versão portuguesa.

Vasquez observa ainda, sobre os artistas viajantes alemães, que a Alemanha teve bem cedo o interesse pelos países recentemente descobertos. Foi, em primeiro lugar, sobre aquelas regiões do globo que chegou a notícia trazida pelos navegadores portugueses. Assim, o Brasil logo apareceu nos mapas-múndi dos impressores da época.

No início, e durante muito tempo, os artistas vieram como viajantes, cujas missões eram documentar o que estavam apreciando, as belezas da natureza exuberante e a vida da gente do imenso país, em boa parte ainda virgem. Foi sem dúvida o lado exótico que os atraiu, com sua grande riqueza de animais selvagens, plantas e flores de espécies, em sua maioria desconhecidas no seu país.

A litografia em Pernambuco

Sobre o período de desenvolvimento da litografia em Pernambuco, a partir dos estudos de Orlando da Costa Ferreira, observamos que Recife, em 1831 foi a primeira cidade provinciana a conhecer a técnica de reprodução. No entanto, dois anos antes que isso acontecesse, o jornal *O Cruzeiro* transcrevia um artigo da *Gazette de Bayonne* onde se dizia que a litografia, “arte de desenhar ou escrever em uma pedra da qual se tira grande número de cópias é uma arte maravilhosa, que às vezes compete com a gravura e em outras lhe é superior”.

Desse modo, despertando a curiosidade de muitos, quase que exatamente como quatro anos antes Borges de Barros escrevia em Paris, ou seja, como, durante muito

tempo, se procurou admitir a presença incômoda da litografia no quadro das belas-
artes. Com aquelas palavras, parecia estar o jornal preparando o público para a
chegada do invento imagético.

Fato curioso é que, no *Diário de Pernambuco*, de 28 de março de 1831, a casa dos
franceses *Émile Ricou & Boilleau*, rua da Cruz nº 60, que era uma espécie de
“grande magazine”, anunciava para venda “uma litografia nova com suas pedras e
todos os mais pertences, por preço cômodo”, como se os compradores em
perspectiva já conhecessem o então revolucionário modo de imprimir.

No entanto, a oficina do pintor e desenhista André Alves da Fonseca estabelecida na
rua do Fogo em 1834, segundo anúncio do *Diário de Pernambuco* de 25 de abril do
mesmo ano, pareceu pelos relatos de Pereira da Costa, que não mencionou o
anúncio de 1831, ter sido a primeira do Recife. Porém, ela não mais existia em 1842
informa o cronista, “uma vez que a 27 de agosto publicava o *Diário de Pernambuco*
um artigo ventilando a ideia do estabelecimento de uma litografia no Recife e o
momento parecia oportuno, uma vez que se trabalhava no levantamento da carta
corográfica da província, e em uma época que muitos de nossos artistas não
publicavam as suas composições por falta de uma pedra litográfica, que as
multiplicasse cômoda e facilmente”.

Ferreira (1977) informa também que Pereira da Costa não mencionou um ateliê que
merece destaque, pois que produziu inclusive ilustrações para um livro: ao anunciar
o *Diário novo* de 12 de agosto de 1844 a subscrição das *Memórias históricas da
província de Pernambuco*, de José Bernardo Fernandes Gama, hoje uma das mais
estimada raridades da tipografia pernambucana.

Por sua vez, *O jardim das damas*, periódico de tiragem irregular entre janeiro e
dezembro de 1852, foi o primeiro jornal que em Pernambuco apareceu
acompanhado de gravuras. As edições eram alternadas seguidas de figurinos de
modas, riscos de bordados e músicas de piano. O texto foi impresso na tipografia M.
F. de Faria, no entanto, não ficou ainda perfeitamente esclarecida a origem dessas
estampas litográficas. Alguns estudos afirmam que eram procedentes de Paris
juntamente com litografias impressas para os jornais cariocas.

Contudo, sobre o período da litografia pernambucana nos oitocentos, José Gonçalves de Mello (1971) informa que a 3 de dezembro de 1859, ao noticiar o aparecimento, no dia anterior, da revista *O Monitor das famílias*, “primeiro jornal recifense ilustrado com litografias”, o *Diário de Pernambuco* informou que para a sua impressão os proprietários compraram uma tipografia e mandaram vir da Europa uma litografia completa, que foi dirigida por dois hábeis artistas estrangeiros contratados, um francês encarregado dos desenhos e um alemão para fazer as impressões, eram eles, respectivamente, Alphonse Besson e Franz Carls que com sua mulher chegara a 21 de novembro do mesmo ano.

Sobre Franz Carls

Nesse sentido, destaca-se o ano de 1859, ano da chegada de F. H. Carls na cidade do Recife, como o momento de abertura do primeiro jornal recifense ilustrado com litografias – o *Diário de Pernambuco*. Ferreira (1994) preconiza que Carls fundou o seu estabelecimento em 1861 e soube dotá-lo dos mais modernos e aperfeiçoados maquinismos, do melhor material possível e de habilíssimos profissionais, de forma a torná-lo uma casa de primeira ordem, cujos trabalhos, em todos os gêneros, em nada deixavam a desejar os melhores produzidos nos estabelecimentos congêneres da Europa.

Gilberto Ferrez declara que, sempre ao estudar as estampas editadas nessa casa, o intrigara o fato de não mencionarem os nomes de pintor ou gravador. Nesse sentido, observa-se que tal fato ocorria, pois Carls lançou mão de fotografias para litografar suas gravuras. No entanto, é válido informar que esse recurso já não era novo naquele período, Delacroix, entre outros, fazia esboços a partir de fotografias, pois segundo ele os daguerreótipos permitiam aos artistas corrigir os erros do olho.

Na casa litográfica de Franz Carls trabalhou um artista suíço cujas estampas são até hoje muito procuradas. Trata-se de Luiz Schlappriz, chegado em 1858. Sua colaboração junto à litografia de Carls iniciou em 1863, com uma série de vistas do Recife e cidades próximas, uma das preciosidades da iconografia pernambucana. Trata-se da *Memória de Pernambuco, álbum para os amigos das artes*, cujo número de estampas não se sabe ao certo, certamente superior a trinta. Schlappriz fez

também ilustrações para revistas de estudantes, como a *Ilustração acadêmica* e *A Palmatoria*, tiradas na oficina de Carls.



Lith. F. H. Carls. *Largo do Livramento* (Recife – Pernambuco). 1887. Técnica: Litografia. 28 x 34. Fonte: Silva (2009).

A obra acima retrata o Largo do Livramento, região hoje conhecida como o centro histórico da cidade do Recife. A paisagem representa a movimentação do comércio da época, o deslocamento dos homens a cavalo e as linhas de bonde, meio de transporte bastante utilizado naquele período. Ao fundo identifica-se a Igreja de Nossa Senhora do Livramento, umas das mais antigas da cidade, edificada no século XVIII.



Lith. F. H. Carls. *Ponte do Recife* (Pernambuco). 1884. Técnica: Litografia. 28 x 34. Fonte: Silva (2009). As obras de Franz Carls caracterizam-se pela abordagem das paisagens urbanas, a

arquitetura, a movimentação das pessoas nas ruas, destacando as imagens das regiões centrais da cidade do Recife e das marinhas, como disposto na imagem acima. Ele focaliza a Ponte do Recife, inicialmente construída em madeira, foi fundada no ano de 1643. Posteriormente foi denominada de Ponte Sete de Setembro, quando a sua antiga estrutura foi substituída por uma de metal, conforme a litografia apresenta. Atualmente é conhecida como Ponte Maurício de Nassau, sendo considerada a mais antiga da América Latina e servindo de ligação entre os bairros do Recife e de Santo Antônio.



Lith. F. H. Carls. *Rua do Imperador* (Pernambuco). 1884. Técnica: Litografia. 28 x 34. Fonte: Silva (2009).

A Rua do Imperador foi a primeira que surgiu no bairro de Santo Antônio na cidade do Recife, no início século XVII. Inicialmente eram três ruas, de São Francisco, Cadeia Nova e do Colégio, com a passagem do imperador Dom Pedro II pelo local, ganhou seu nome. Segundo historiadores, era conhecida como a rua dos jornais e da boemia, um dos lugares preferidos de jornalistas e intelectuais da época, além do intenso movimento de repartições públicas e estabelecimentos bancários.

Encontra-se localizado na Rua do Imperador a Capela Dourada da Ordem Terceira de São Francisco, construída em 1697, é uma das mais expressivas representantes da arte barroca nas igrejas brasileiras. Seu interior todo revestido em ouro, remonta a uma época de riquezas e ostentação, destacam-se os painéis de azulejos, as pinturas e os trabalhos em talha dourada.

Assim, reitera-se que a litografia funcionou para F. H. Carls como uma ferramenta de leitura da cidade. Através de suas obras, o artista pode tecer registros das paisagens do Recife e seu entorno, além de captar o vestuário da população, hábitos, arquitetura e traços da organização urbana da época.

Considerações Finais

A partir do breve panorama aqui apresentado sobre a história da litografia na cidade do Recife, tendo como referência a obra de Franz Carls, o estudo buscou destacar a importância na preservação da memória e a necessidade de ampliar o espectro de pesquisas sobre esses objetos culturais.

As obras aqui apresentadas são um conjunto iconográfico significativo para a memória visual do país, retratando cenas do cotidiano, costumes e paisagens. Destaca-se o notável enriquecimento que artistas como Franz Carls trouxeram com a produção de imagens do Brasil no período oitocentista; nas paisagens desconhecidas, os artistas-viajantes reconheciam o efêmero das atividades cotidianas, captando imagens simbólicas e conseqüentemente fixando esses momentos para as gerações futuras.

Ainda sobre essa produção de imagens no século XIX, Martins (2000) destaca que naquele momento uma parcela considerável da população não era alfabetizada, dessa forma essa produção visual contribuiu para que as pessoas pudessem conhecer lugares do seu próprio país antes desconhecidos.

Diante o exposto, penso que fazer um levantamento da produção de artistas que ainda hoje são desconhecidos, até mesmo entre os pesquisadores da área, como Franz Carls, é fundamental para provocar o escoamento de novos estudos. Da mesma forma, enfatizar o potencial representativo dessas produções imagéticas, contextualizando com o período vigente e propondo diálogos e reflexões com a cultura contemporânea.

Referências

FERREIRA, Orlando da Costa. **Imagem e letra**: introdução à bibliologia brasileira: a imagem gravada. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994 (Texto & Arte; v. 10).

MELLO, José Antonio Gonçalves de. **Diário de Pernambuco**. Recife, 11 mar., 1971.

MARTINS, Carlos. **Revelando um acervo**. São Paulo: Bei Comunicação, 2000. (Coleção Brasileira).

VASQUEZ, Pedro Karp. **Fotógrafos alemães no Brasil do século XIX**. Deutsche Fotografen des 19. Jahrhunderts in Brasilien. Tradução: Übersetzung Wolfgang & Ulrike Pfeiffer. São Paulo: Metalivros, 2000.

_____. **O Brasil na fotografia oitocentista** [pesquisa e texto]. Reproduções fotográficas Cesar Barreto, Rosa Gauditano. São Paulo: Metalivros, 2003.

Frederico Fernando Souza Silva

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo-SP (2011). Realiza pesquisas sobre os seguintes temas: bens culturais móveis, colecionismo, crítica de arte, fotografia no séc. XIX, litografia. Membro do Grupo de Pesquisa Arte&Fotografia séculos XIX e XX (ECA-USP).